

## **PROJETO DIDÁTICO (2)**

### **ESTAMPARIA - A ARTE COMO APRENDIZAGEM, COM CRIANÇAS DE 3 E 4 ANOS**

Relato do Projeto desenvolvido pelas professoras Adarléa Moreira de Andrade Rocha e Nádia Cristina de Cássia na Escola Trilha da Criança - Belo Horizonte, MG.

Começamos esse trabalho observando o livro "Moda: uma história para crianças", escrito e ilustrado por Kátia Canton e Luciana Schiller. O livro apresenta a história da moda pelo mundo todo, desde o início dos tempos até a atualidade. Desses relatos contidos no livro, optamos por trabalhar com as estampas que trazem um aspecto estético e de composição artística.

Estampas foram a nossa fonte de investigação e criação. Como o tema central do evento "Mostra Cultural" realizado anualmente na escola foi a África, escolhemos pesquisar e trabalhar sobre a "Estamparia africana".

Fizemos um passeio pelo continente africano através de imagens, mapas, vídeos e histórias. Neste caminho, conhecemos uma linda menina africana do livro "As Tranças de Bintou". Com a Bintou, conhecemos um pouco mais sobre a cultura africana, sua história e seus sonhos. As ilustrações do livro, com suas cores vibrantes, formas amplas de motivos da natureza como folhas e peles de bichos, chamaram a atenção das crianças.

E o que é mesmo uma estampa? Para responder a esta pergunta, trouxemos para as crianças diversos tecidos, com o objetivo de separá-los em dois grupos: tecidos lisos e estampados. Realizamos várias rodas de apreciação de estampas, chamando a atenção para a cor de fundo e para os desenhos. Nossa intenção era nutrir o olhar das crianças com imagens de estampas de qualidade estética.

Vimos que cada estampa tem um tema diferente, como flores, bolinhas, listras, peixes, linhas soltas, figuras geométricas, dentre outras.

A partir desse repertório, as crianças foram convidadas a criar suas próprias estampas, inspiradas em motivos africanos. Propusemos desenhos de observação e garantimos o fazer das crianças. Mas planejamos interferências adequadas, que possibilitassem avanços e o desenvolvimento do seu percurso individual. Geralmente, quando propomos um desenho de observação às crianças, chamamos sua atenção em relação a vários aspectos do objeto a ser desenhado. Quando elas registram no papel, percebe-se que captaram uma estrutura: não uma

estrutura simples, mas rica em detalhes, que olhos desprevenidos não captariam. Assim, percebemos que, a cada atividade do tipo, as crianças ficam mais à vontade. Desenhar observando é algo que já faz parte de seu universo.

Para conhecer um pouco sobre o processo de criação de uma estampa, visitamos o laboratório de estamparia do curso "Designer de moda" da Fumec<sup>2</sup>. Enviamos, anteriormente à visita, por solicitação do professor desse curso, algumas produções feitas pelas turmas. As crianças ficaram surpresas ao apreciarem os próprios desenhos numa tela que seria preparada para estampar um tecido de verdade! Nesse contexto, foram convidadas a escolher uma cor para a nossa primeira estampa. A cor eleita foi "laranja queimado". Parecia mágica, como disse uma criança, mas era uma técnica de estamparia! O desenho foi para uma tela e depois foi estampado em um tecido, "americano cru". Com o tecido estampado, foi confeccionada uma sacola para cada criança.

<sup>2</sup> Fundação Universitária de Belo Horizonte, MG.

No dia da "Mostra cultural" da escola, apresentamos o desfile da coleção de estampas criadas pelos nossos "designers mirins", com temas de flores, geométricos, com reprodução das peles de bichos, desenhadas no americano cru, utilizando canetas para tecido. Com a ajuda dos pais, esses tecidos foram transformados em roupas, que vestiram suas bonecas e bonecos.

A realização desse projeto teve como pressuposto a ideia de que, para se projetar uma estampa em qualquer tecido, existem critérios estéticos de composição a serem respeitados, tais como: formas, cores, distribuição espacial, posição e repetição. É isso que garante a qualidade artística da criação e o valor estético do trabalho de arte com as crianças. Nesse processo, sempre é preciso ter um começo, um meio e um fim para que as crianças se apaixonem cada vez mais pela arte como possibilidade educativa.

---

**Projeto didático retirado do livro "Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. Autoras: Fátima Salles e Vitória Faria, São Paulo/Ática, 2012. Páginas: 190, 191, 192, 193.**

## **PROJETO DIDÁTICO (1)**

### **CONSTRUÇÃO DE UM CONHECIMENTO ORIGINAL, COM CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS**

Relato do projeto desenvolvido no Instituto da Criança - Belo Horizonte, MG, coordenado pela professora Magaly César Lourenço Paixão.

A professora, como fazia todos os dias, estava sentada no chão com o grupo de crianças, lendo para elas. Nesse dia, ela lia a história de uma festa no céu para a qual o sapo não tinha sido convidado. Após a leitura, algumas crianças passaram a fazer comentários sobre a história contada, relacionando-a com outras narrativas que tinham sapos como personagens; outras saíram da roda pulando e cantando como sapos.

Uma menina, que permaneceu calada durante a leitura da história e que parecia um pouco desligada no momento em que os demais faziam comentários, perguntou: por que o sapo não mora na água salgada?

Essa pergunta, que poderia ter sido ignorada ou respondida imediatamente pela professora, foi objeto de discussão e de grande interesse de todas as demais crianças, em função da forma como a professora problematizou o assunto, devolvendo a pergunta para o grupo e pedindo que desenhassem o que achavam que aconteceria se o sapo morasse no mar.

Foram feitos vários desenhos, por meio dos quais as crianças explicitaram suas hipóteses: desenharam o sapo sendo arrastado pelas ondas do mar, sendo comido por um tubarão, todo coberto de areia, entre outras. Essa estratégia contribuiu para aguçar a curiosidade das crianças e deu origem a uma grande polêmica entre elas.

A partir daí, foi proposto o desenvolvimento de um projeto, posteriormente planejado pela professora, em conjunto com as crianças. Planejaram onde buscariam as informações, quais materiais e espaços utilizariam e em quais dias da semana se dedicariam ao projeto.

Assim, para encontrarem resposta a essa pergunta original, cuja resposta não se encontra pronta em nenhum livro, tiveram que compreender como são os animais que vivem no mar e aqueles que vivem nos rios e lagoas, e quais os seus modos de vida. Para tanto, foram feitas pesquisas, utilizando várias fontes: internet, enciclopédias, livros e revistas.

Além disso, entrevistaram o professor de biologia da escola e contaram com muitas informações enviadas pelos pais, que acabaram se envolvendo no projeto. Foram, também, visitar

um ranário no Instituto de Zoobotânica, onde puderam ampliar seus conhecimentos sobre os sapos. Todos os conhecimentos construídos pelo grupo eram registrados no "livrão" do projeto, ora por meio de desenho, ora por meio de escrita, ora com colagem de gravuras. Houve, assim, no desenvolvimento do projeto, muitas leituras e muitos registros, elaboração de convite para o professor de biologia, sempre tendo a professora como leitora e escriba dos textos que eram lidos e produzidos coletivamente. Houve, também, muitas discussões e argumentações, observações de um sapo trazido por um pai, bem como os do ranário, e, por fim, muitos desenhos e modelagens para ilustrar a apresentação que decidiram fazer para as outras turmas da Educação Infantil.

Todas essas ações contavam com a mediação da professora, que sempre esteve atenta para que a pergunta inicial -"por que o sapo não mora na água salgada"- se mantivesse como foco das pesquisas, sem, entretanto, deixar de incentivar para que surgissem novas questões. Fazia intervenções precisas e trazia informações importantes, fruto de suas próprias pesquisas sobre o tema, contribuindo, dessa forma, para o processo de desenvolvimento/aprendizagem das crianças.

O projeto durou cerca de um mês e só foi concluído quando conseguiram uma resposta satisfatória para a pergunta inicial, isto é: o sapo não consegue sobreviver na água salgada porque ele respira pela pele, diferentemente da maioria dos animais que vivem no mar, cuja respiração é branquial.

---

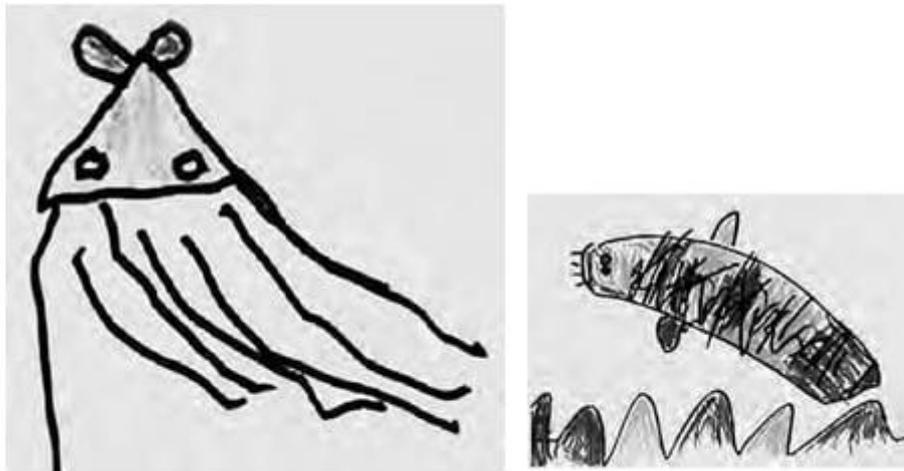
**Projeto didático retirado do livro "Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. Autoras: Fátima Salles e Vitória Faria, São Paulo/Ática, 2012. Páginas: 187, 188 e 189.**

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

### Animais marinhos e suas medidas

Relato da sequência didática da professora Adriana M. Pinto de Oliveira (Escola Miró – Ribeirão Preto/SP).

(O trabalho com grandezas deve ter relação com alguma exploração do ambiente para que as crianças aprendam o significado de uma prática social)



Desenhos feitos pelas crianças da Escola Miró, de Ribeirão Preto – SP

As medidas fazem parte do nosso cotidiano e, por isso, as crianças estão sempre em contato com elas. Desde bem pequenas, escutam quando os pais ou responsáveis pedem 200 gramas de carne no açougue, ou que às 10 horas vai começar o jogo na TV. Elas também já fazem suas relações na escola quando percebem um colega mais alto, um outro mais magro. Esses primeiros contatos com um vocabulário específico permitem afirmar que elas participam de algumas idéias transmitidas pelos adultos, aproximando-se de maneira contextualizada das palavras que implicam grandezas<sup>1</sup>.

Na pré-escola, o objetivo é incluir o tema oferecendo mais oportunidades para que as turmas possam dar sentido a algo prático, como a resolução de problemas na vida diária, quando o conteúdo resolve efetivamente uma questão. Inúmeras atividades foram propostas ao grupo formado pelos pequenos de 4 e 5 anos da Escola Miró, em Ribeirão Preto – SP, para aprofundar significados já conhecidos e construir novos. Os objetivos eram promover a familiarização com

unidades de medida de comprimento, apresentar instrumentos que ajudam a medir comprimento e utilizar unidades de medidas convencionais ou não para resolver problemas de comparação de tamanhos.

### **Tamanho da bicharada**

Durante o estudo sobre animais marinhos, as ações que envolviam medidas foram privilegiadas. Já sabíamos que um polvo gigante media 8 metros e que uma lula poderia ter até 17 metros. Levei, então, para a roda de conversa, várias publicações. Propus que procurássemos dados da mesma natureza sobre outros bichos para fazermos comparações. Dividi a sala em cinco grupos e eles iniciaram as explorações.

Professora – Como podemos encontrar essas informações? Alguém tem idéia?

Tiago – A gente procura os animais.

Duda – A gente procura os números.

Tiago – A gente mede com o lápis em cima.

Henrique – Mede com o dedo.

Deixei que investigassem. Dei um lápis ao Tiago. Quando os meninos encontravam uma imagem, usavam o utensílio para medir. Também utilizaram os dedos.

Professora – Será que os desenhos retratam a realidade?

Henrique – A baleia é bem maior.

Duda abriu um livro na parte do índice e disse que havia achado muitos números. Estava escrito:

Corpos de animais, 6

Cabeça de animais, 8

Borboletas e mariposas, 10...

Duda – Isso é o que tem no livro. Procuramos duas páginas indicadas para confirmar.

Falei um pouco sobre o que era um sumário, sua função. Enquanto isso, Isa, Tiago e Geórgiah identificaram um número em uma legenda e me pediram para ler.

Professora – Arraia encontrada por pescadores medindo 15 metros de comprimento.

Catharina – O que é comprimento?

Duda – É o tamanho.

Registramos a dimensão da arraia. João e Lipe se depararam com um tubarão-limão e também quiseram que eu lesse o texto ao lado da figura. Nele, continha mesmo informações sobre o animal e eles vibraram: “A gente achou!” Fizemos anotações e muitas relações. Como os pequenos ficaram empolgados com as primeiras descobertas, levei para nossos momentos de cantos revistas e enciclopédias para novas observações. Elaboramos um cartaz com recordes e curiosidades sobre o assunto e adiamos nossa conversa sobre instrumentos de medida para outra oportunidade.



Fotos: arquivo Escola Miró

## Nossas medidas

Falamos sobre o tamanho dos pés e pedi que todos tirassem os calçados. Passei guache na sola e os carimbei em cartolinas. Depois, os pequenos fizeram comparações e agrupamentos: o dos pés compridos, o dos mais gordinhos, os maiores, os menores. Por fim, fizeram uma classificação decrescente e colaram-na em um cartaz, com o número de sapato correspondente de cada um. Fizemos o mesmo com as camisetas, verificando as etiquetas. Chegou, então, o momento aguardado.

Professora – Vamos descobrir nossos tamanhos?

Duda – Vamos ter de medir.

Professora – Como podemos fazer isso?

Antônio – Dá para medir com a régua.

Professora – O que mais podemos usar?

Isa – Tem uma fita de medir. Quando a costureira foi fazer a minha roupa para a apresentação do balé, ela usou.

Professora – Alguém sabe como chama?

Duda – Fita de medir.

Professora – O nome correto é fita métrica e quer dizer isso mesmo, Duda.

Levei para a roda uma fita métrica, um metro, uma trena e uma régua. Perguntei se eles conheciam aqueles instrumentos.

Tiago (mostrando a trena) – Isso dá para medir a casa.

Professora – Dá mesmo, Tiago. Depois podemos fazer o mesmo com a nossa sala. E esse (o metro), alguém conhece?

Catharina – Também é de medir.

Isa – Tem um monte de número também.

Professora – Vamos comparar todos? Vou colocar um ao lado do outro.

Antônio – Está igual! Olha: 10 aqui, 10 aqui...

Nesse momento, eles constataram que poderiam medir com qualquer um daqueles objetos, e que cada um é utilizado em situações específicas, ou seja, a fita métrica, em corte e costura; a

trena e o metro, na construção civil; a régua, no desenho.



Professora – Alguém sabe como a gente chama essa medida? É 10...

Duda – Mede 10, mede 20...

Professora – Centímetro. Daqui até aqui tem 10 centímetros. Isso quer dizer 1 centímetro, 2 centímetros, 3 centímetros... 10, 20 e assim por diante.

Vamos contar quantas marquinhas tem cada centímetro?

Todos – 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10...

Professora – Cada um desses risquinhos corresponde a 1 milímetro. Então, 1 centímetro tem 10 milímetros.

Professora (com o metro na mão) – Esse instrumento se chama metro. Vocês já ouviram falar?

Catharina – É o tamanho.

Professora – Lembram quando a gente leu que um polvo gigante tinha 8 metros de comprimento?

Vocês disseram que isso queria dizer o tamanho dele. Vamos contar quantos centímetros tem 1 metro? Contamos até 100 e as crianças constataram que a resposta era 100 centímetros.

Continuei o estudo no dia seguinte, quando as medi individualmente e transferi suas dimensões para tiras de papel cartão. Elas as separaram em ordem decrescente e colaram-nas em um papelão.

Professora – João Pedro, você mede 100 centímetros, que a gente chama de 1 metro, e mais 20. Então, você tem 1 metro e 20 centímetros.

Repeti o procedimento com todos. Com o cartaz pronto, confrontamos os dados para saber quem era maior, menor e assim por diante. A intenção era fazer com que a turma atribuísse sentido ao utilizar unidades de medida em função de uma situação real, analisando a pertinência de usar um padrão externo quando a situação permite.

## **Medição com barbante**

Preparei uma atividade para que o grupo pudesse reproduzir alguns bichos pesquisados nos livros. Levei para a sala um rolo de barbante e o metro, e perguntei como deveríamos fazer. Várias crianças disseram que não seria possível avaliar porque eles eram bem maiores que os instrumentos disponíveis. Outros sugeriram a trena, só que ela media 3 metros e, para elas, era igualmente impossível prosseguir na empreitada. Depois de muita conversa, expliquei que poderíamos fazer de metro em metro. Elas se convenceram.

Questionei quantas de nossa turma seriam necessárias para reproduzir o polvo. Estiquei o cordão e elas perceberam que só ficando em pé ao lado da linha não era possível, pois, dessa maneira, o tamanho dos pés é que seria computado. Então, se deitaram e concluíram que era preciso de mais ou menos sete. A surpresa e o espanto foram ainda maiores ao constatarmos que necessitaríamos de muito mais para fazer a lula gigante.

Depois dessa experiência, cortei no barbante o tamanho correspondente de cada um e entreguei aos pequenos. Retomei as dimensões individuais na tabela confeccionada anteriormente e pedi que procurassem pela escola objetos de tamanhos similares. A meta era que achassem, pelo menos, dois itens. Bancos, corrimãos, trepa-trepa, traves, pneus, linhas desenhadas no chão da quadra, escorregadores, cercas, pisos, troncos de árvores, folhas de bananeiras e até mesmo os jabutis não escaparam das aferições. Fizeram isso individualmente e em duplas. Muitas risadas, comparações e descobertas.

Terminada a busca, voltamos à sala e cada um falou sobre sua experiência. Solicitei que registrassem tudo com desenhos. O resultado da aprendizagem da meninada pôde ser visto durante as brincadeiras de faz-de-conta. Enquanto as meninas tiravam medidas de cintura, costas e punho das amigas para confeccionar roupas, os meninos mediam paredes, rodapés, bancos, mesas, desenhando e registrando tudo.

## **Vamos pesar?**

Para ampliar os conhecimentos adquiridos até aquele momento, resolvi trabalhar com outras grandezas, como as medidas de massa. Providenciei uma balança e levei-a para a sala. Na roda, perguntei se os pequenos sabiam o que era aquele objeto e sobre sua serventia.

Catharina – É uma balança e serve para pesar. A gente tem de ficar em pé em cima dela, sem sapato e pisar com os dois pés. Quando a gente faz isso, sai o resultado aqui.

Ana Elisa – Precisa ser sem sapato porque senão o peso fica mais grosso.

Professora – Fica o que mesmo?

Alice – Fica mais alto.

Catharina – Fica mais grande.

Professora – Vocês querem dizer que fica maior? É isso?

Isa – É, mais para lá, para o outro lado.

Duda – É, maior. Em vez de marcar o número que você pesa de verdade, fica no que você não pesa.

Professora – Vamos agora pesar cada um de vocês nessa balança? Que tal a gente fazer isso com e sem sapato para ver o que acontece?

Ana Elisa foi a primeira. Ao subir, ficaram registrados primeiro 22,8 quilos com sapato e, depois, 22,4 quilos descalça. Eles ficaram admirados com a diferença. Fizemos isso com todos. Alguns calçados eram tão leves que sequer havia diferença. Registramos os numerais e, em seguida, perguntei:

Professora – Ana Elisa pesa 22,4 o quê?

João – 22 peso.

Professora – Quando lemos a medida de vocês no cartaz, dizemos: Geórgiah mede 1 metro e 13 centímetros. Quando pesamos alguma coisa, como podemos falar? Quando vocês vão ao supermercado e pedem para o balconista pesar alguma coisa, como fazem?

Duda – Quando meu pai vai ao supermercado, ele pede: Me dá 2 quilos de salame. Professora – Então, como é que falamos?

Clara – A gente fala quilo.

Professora – O que mais compramos por quilo?

Crianças – Arroz, queijo, tomate, feijão, batata, carne...

Por conta disso, levei para a roda um pacote de 5 quilos de arroz, um com 2 quilos de açúcar e um com 1 quilo de sal. Perguntei quanto eles achavam que pesava cada um daqueles produtos. Disse-lhes que na embalagem havia essa informação. Logo a criançada foi encontrando as marcas e fazendo suas leituras.

Duda – O arroz pesa 5 quilos.

Vinicius (sobre o açúcar) – Isso pesa 2 quilos.

Henrique (sobre o sal) – Esse tem 1 quilo.

Perguntei quantos quilos teríamos se juntássemos o arroz e o sal. Depois, o arroz e o açúcar. Por fim, o açúcar e o sal. Perguntei também quantos sacos de 1 quilo precisaríamos para 5 quilos. Eles foram calculando e respondendo. Chegou a hora de verificar os resultados e, ao colocarmos cada um deles na balança, ficamos surpresos, pois ela não era apropriada para pequenas quantidades. Sugeri pôr dois itens – o arroz e o sal – e nada aconteceu. Colocamos os três de uma só vez e aí, sim, ela marcou 8 quilos. A felicidade foi geral.

---

<sup>1</sup>Trecho inspirado no currículo de Educação Infantil da cidade de Buenos Aires – Argentina.

## Ficha técnica

Escola Miró S/C Ltda. – Endereço: Rua Dr. Mário de Assis Moura, 380 – Jd. Nova Aliança –  
Ribeirão Preto – SP. CEP: 14026-578 – Tel.: (16) 3623-6255 / 3620-0552

E-mail: [info@escolamiro.com.br](mailto:info@escolamiro.com.br)

Coordenadora: Maria Cecília Nobrega de Almeida Augusto

Professoras: Adriana M. Pinto de Oliveira

Estagiária: Juliana Gaia

Para saber mais

- As cem linguagens da criança, Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman. Ed. Artmed. Tel.: 0800-703-3444



- 
- Posted in [Revista Avisa lá #35](#), [Tempo Didático](#) and tagged [2008](#), [Adriana M. Pinto de Oliveira](#), [centímetros](#), [ciências](#), [comparações](#), [grandezas](#), [matemática](#), [medições](#), [medidas](#), [método](#), [metros](#), [peso](#), [quilos](#).

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2**

### **LEITURA E PRODUÇÕES DE TEXTOS DE GÊNEROS DIVERSOS, COM AS CRIANÇAS DE 5 ANOS**

Relato do trabalho desenvolvido pela professora Lidiane Fernanda de Faria Santos, da Escola Municipal Maria Sales Ferreira - Belo Horizonte, MG.

Por meio da leitura de histórias, a criança desenvolve diversas formas de linguagem, amplia o vocabulário, exerce a imaginação e a criatividade. Ler histórias é um caminho que a leva ao desenvolvimento da leitura e da escrita de forma prazerosa e significativa. Por isso, proporcionar um ambiente repleto de livros de literatura é de grande importância na Educação Infantil. Além disso, é fundamental que ela tenha acesso a outros tipos de textos, de diferentes gêneros, também trazidos para a escola de forma significativa.

O livro "O carteiro chegou", de Janet e Alan Alberg, traz um interessante trabalho de intertextualidade entre contos infantis e outros gêneros textuais, permitindo uma variedade de atividades. A história gira em torno de um carteiro que realiza sua tarefa entregando correspondências para destinatários que são personagens das histórias de contos infantis tradicionais. No decorrer da história surgem, de dentro de cada envelope, textos de diferentes gêneros com diferentes propósitos comunicativos: carta, convite, folheto de propaganda, cartão-postal, intimação, dentre outros.

Antes de contar a história "O carteiro chegou", foi necessário apresentar para as crianças os contos a que o livro faz referência, como "Cachinhos dourados", "João e Maria", "João e o pé de feijão", "Cinderela" e "Chapeuzinho vermelho".

A história foi lida por partes para que as crianças pudessem conhecer cada correspondência recebida pelos personagens. Enquanto ouviam a história, elas ficavam encantadas com a possibilidade de descobertas que poderiam realizar com a abertura de cada envelope. Depois de ouvir a história, realizamos um reconto coletivo escrito, relativo a todo o caminho percorrido pelo carteiro durante a história.

Para que as crianças pudessem vivenciar experiências efetivas de produção escrita de diversos gêneros textuais, motivei-as para que entrassem no mundo da fantasia e escolhessem um personagem de alguma história conhecida para se corresponderem. Como o nome da nossa turma era "Turma da joaninha" e o interesse pelo assunto era grande, as crianças escolheram

como sua interlocutora a personagem da história "Uma joaninha diferente", de Regina Cecília Melo. Em algumas rodas de conversa, incentivei as crianças a refletir sobre o que escrever para a Joaninha, uma vez que ela não nos conhecia. Resolvemos, então, escrever-lhe uma carta apresentando a nossa turma, bem como um livro com a história ilustrada e escrita da turma e um cartão-postal sobre a escola, também com desenhos e texto. Criamos uma loja imaginária com o nome de "Ana Joana" e decidimos, também, escrever e enviar a ela um folheto de propaganda com desenhos dos produtos dessa loja que interessariam a uma joaninha. Durante as discussões, as crianças perceberam que os gêneros textuais se materializam em diferentes situações comunicativas, que, em função de seus propósitos, apresentam estrutura e estilos específicos.

Os textos foram estruturados oralmente para então partirmos para a escrita. Durante algumas semanas, as crianças produziram textos coletivos de diversos gêneros para enviar para a personagem. No momento da produção dos textos e de sua escrita, assumi o papel de escriba e mediadora das discussões, conduzindo as crianças a levantar diversas hipóteses sobre o processo de escrita. Elas refletiram sobre a linguagem escrita, negociando o enunciado, percebendo intenções, objetivos e características da produção de cada gênero. Depois de escritas, as correspondências eram colocadas nos envelopes e enviadas para a personagem em um processo de fantasia e interação entre a turma e a Joaninha.

Entretanto, como apenas as crianças estavam enviando correspondências para a Joaninha, resolvi simular uma situação em que elas também receberiam uma carta enviada pela Joaninha. Minha intenção pedagógica era possibilitar, por meio da leitura da carta, o desenvolvimento de diversas estratégias de antecipação do significado do texto, nas quais as crianças colocariam em jogo tudo que sabiam para descobrir o que não sabiam. Assim, começando pela leitura do envelope, as crianças descobriram que estavam recebendo uma carta da "Joaninha diferente", pois reconheceram nele o endereço e o nome do remetente.

No momento da leitura, as crianças descobriram que se tratava de uma carta, identificando vários elementos da estrutura do gênero, como a data, o local, o vocativo e a despedida. Além disso, elas buscaram vários indícios contidos nas informações da carta que permitiram não apenas a confirmação das hipóteses levantadas como também a inferência e extrapolação do texto.

Mesmo sem saber ler e escrever convencionalmente, as crianças produziram e compreenderam a linguagem escrita por meio das atividades realizadas com o livro "O carteiro chegou".

---

**Seqüência didática retirado do livro "Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. Autoras: Fátima Salles e Vitória Faria, São Paulo/Ática, 2012.**